

Religiosidade e bem-estar em estudantes portugueses, moçambicanos, angolanos e brasileiros

Ana Veríssimo Ferreira (ana@jaf.pt), Maria da Conceição Pinto, & Félix Neto

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

Resumo: Portugal é hoje um país de emigração e de imigração, sendo os fluxos migratórios mais frequentes mantidos entre os países de língua oficial portuguesa, consolidando trocas culturais e sociais desde há muito existentes. Considerando a importância da cultura e o estudo de sentimentos e emoções das pessoas nos países de origem e de acolhimento como fatores fundamentais para o desenvolvimento social e comunitário, parece pertinente analisar a influência da religiosidade, aspecto culturalmente determinante, na satisfação com a vida e no sentimento de solidão de estudantes universitários portugueses, moçambicanos, angolanos e brasileiros. Neste estudo com 800 jovens universitários dos quatro países, foram utilizadas medidas de atitudes face ao cristianismo, solidão, satisfação com a vida e bem-estar. Podemos concluir que os jovens universitários portugueses e brasileiros são os mais satisfeitos com a vida, sendo os moçambicanos e angolanos os menos satisfeitos e os que sentem maior solidão. Os estudantes que frequentam mais a igreja ou outro local religioso são mais satisfeitos com a vida e sentem menos solidão.

Palavras-chave: bem-estar, religiosidade, satisfação com a vida e solidão

Introdução

A interculturalidade tem sido analisada em diferentes perspectivas sendo a abordagem religiosa frequente em estudos de vários grupos etários e de diversos países. A religiosidade tem sido estudada em diversas culturas havendo investigações sobre crenças, sentimentos, emoções, acções e experiências de cada indivíduo, dependendo do seu envolvimento emocional, comportamental ou cognitivo. Num estudo realizado com dez mil imigrantes que vivem em 26 países recetores e que analisa as diferenças na religiosidade dos imigrantes na Europa, é referido que a religiosidade (participação religiosa, oração e religiosidade subjetiva) é maior nos imigrantes que estão desempregados, menos instruídos e que chegaram recentemente ao país de acolhimento e ao nível contextual a religiosidade dos imigrantes é influenciada pela religiosidade do país de acolhimento (Tubergen e Sindradóttir, 2011).

A maioria dos estudos mostra que a religião produz benefícios para a sociedade e para os indivíduos através das relações de apoio social muito próximas resultantes de rituais e crenças partilhadas. A relação entre a religiosidade e o bem-estar psicológico é muito moderada pelo contexto cultural, não existindo um padrão culturalmente universal nestas relações (Lavric e Flere, 2008).

A religiosidade inclui comportamentos, atitudes, valores e crenças, sentimentos e experiências (Taylor, Mattis e Chatters, 1999) e refere-se ao grau de aceitação ou ligação que cada indivíduo tem face à instituição religiosa, nomeadamente no que diz respeito à frequência da igreja, participação nas actividades religiosas e à forma como põe em prática as crenças e os rituais (Cook, Borman, Moore, e Kunkel, 2000). A atitude religiosa inclui crenças e práticas

religiosas mas também envolve sentimentos positivos e negativos associados a essas crenças (Hill e Hood, 1999). As atitudes face ao cristianismo têm sido estudadas por Francis desde 1978, tanto em crianças e jovens como em adultos, através de uma escala que foca a percepção das pessoas sobre a religião cristã.

As pesquisas sobre as crenças religiosas questionam sobre se as pessoas acreditam ou não em Deus, na vida após a morte, no céu, nos milagres, no inferno, no diabo e na Bíblia como a palavra de Deus. A crença em Deus, na vida após a morte e no céu são as crenças mais frequentes. Há grandes diferenças entre os países, os americanos parecem ter mais crenças religiosas que os ingleses, tais como a crença no inferno e na verdade literal da Bíblia. De acordo com Ryan, Rigby e King (1993), as crenças e actividades religiosas representam um domínio particularmente interessante para se examinar a interiorização porque elas variam de cultura para cultura e caracterizam sempre os sistemas individuais de valores e as identidades sociais. Consideram que é esta centralidade da religião na vida cultural e psicológica que tem levado a serem consideradas várias hipóteses sobre o tipo de interiorização religiosa e as suas implicações. Referem também que numerosas teorias psicanalistas, sociológicas (Berger, 1969; Parsons, 1951) e da psicologia social (Kelman, 1958; Perry, 1970) enfatizam a importância do processo de interiorização da transmissão e estabilidade da cultura. Em quase todas as culturas são as crenças e as práticas de natureza religiosa que representam as formas de expressão da espiritualidade e que em conjunto servem a variedade de funções psicológicas. Estas funções incluem a explicação do desconhecido (Goodenough, 1986), protecção contra o terror da morte (Solomon, Greenberg e Pyszczynski, 1991) e de uma forma geral, fornecem um sistema de significados partilhados e práticas sociais (Becker, 1962; Berger, 1969).

Apesar das funções comuns atribuídas, os sistemas de crenças religiosas variam largamente em conteúdo e nas práticas (Smart, 1969). Em grande parte as crenças religiosas específicas são mantidas através da transmissão cultural naquilo que é passado às novas gerações, cujos membros individuais devem adoptar as crenças e as práticas transmitidas como suas. As religiões devem ser interiorizadas pelos membros de uma determinada cultura tanto para sobreviver como para fornecer valor funcional aos que as praticam (Ryan et al., 1993). De acordo com Hood et al. (1996), a socialização refere-se ao processo pelo qual a cultura encoraja os indivíduos a aceitar crenças e comportamentos que são normativos e esperados nessa cultura, envolvendo, por vezes, um processo de interiorização pelo qual o indivíduo transforma um anterior regulamento ou valor externamente prescrito num interno.

As práticas e os rituais religiosos fazem parte de todas as religiões em todo o mundo, sendo

importante na análise da religião como um fenómeno social. Muitos rituais religiosos tomam a forma de ritos de passagem, quando há mudanças individuais ou relacionais (nascimento, casamento, morte). A oração pode ser vista como uma estratégia de reforço, funcionando como forma de melhorar a saúde e aumentar o bem-estar (Argyle, 2005).

Na investigação desenvolvida por Witter, Stock, Okun, e Haring (1985) concluíram que a frequência da igreja tinha fortes e consistentes correlações com vários aspectos da felicidade e do bem-estar. Poloma e Pendleton (1991) encontraram que a frequência da igreja se correlaciona com a satisfação com a vida, a felicidade e bem-estar existencial, mais do que outras variáveis religiosas como o rezar e as crenças. Os benefícios de um maior envolvimento e frequência da igreja são maiores para os que estão sós. Ryan et al. (1993) referem que a solidão prediz a religiosidade. Vários estudos confirmam a existência de correlações positivas entre as variáveis religiosas como a frequência da igreja, as crenças, o rezar e o suporte social da igreja com o combate à depressão e à solidão (Paloutzian, 1996 e Johnson e Mullins, 1989).

Ellison e George (1994) encontraram uma forte correlação entre a frequência da igreja e os laços fora da família, frequência dos contactos sociais e o índice de apoio social recebido. Os serviços da igreja e outras actividades religiosas dão lugar a emoções positivas bastante fortes que podem ou não ser reflectidas em felicidade. Numa pesquisa das emoções produzidas por diversas actividades de lazer, Argyle (2005) conclui que a igreja obteve níveis elevados em alegria, menores do que dançar, mas mais elevados do que ouvir música. Argyle e Hills (2000) investigaram a natureza das emoções positivas na igreja e concluíram que existiam três factores que as afectam, mostrando algumas das características clássicas da prática e experiência religiosa, como transcendência, o misticismo e um forte factor social. Há alegria ou outros elementos de bem-estar em cada um dos factores. Vários estudos indicam que as pessoas com maior frequência da igreja são mais satisfeitas com a vida, havendo uma correlação positiva entre a religiosidade e o bem-estar (Witter et al. 1985 e Inglehart, 1990).

Lavric e Flere (2008) estudaram o papel da cultura nas relações entre a religiosidade e o bem-estar subjectivo tendo aplicado várias medidas de orientação, prática religiosa e bem-estar em estudantes universitários de diversos países da Europa, América e Ásia, tendo os resultados sugerido que nem todas as medidas são totalmente aplicáveis e que esta relação depende substancialmente da cultura. Os resultados encontrados sugerem que não existe um padrão cultural universal na relação entre religiosidade e bem-estar, devendo ser sempre considerado o contexto religioso e cultural nos estudos. Os dados apontam para uma relação positiva entre

a religiosidade e o bem-estar. A influência cultural é mais significativa na orientação intrínseca.

Alguns estudos referem que os efeitos religiosos podem variar de acordo com a região e com variáveis de contexto (Ellison, 1994, Musick, 1996), parecendo, por isso pertinente fazer este estudo que pretende verificar se a diversidade cultural influencia os diversos aspectos da religiosidade e do bem-estar dos jovens estudantes universitários, considerando-se que: - existem diferenças entre os jovens portugueses, moçambicanos, angolanos e brasileiros nas medidas de religiosidade – atitudes face ao cristianismo e no bem-estar espiritual; - a religiosidade está associada às variáveis psicológicas em todos os grupos culturais – satisfação com a vida, solidão.

Metodologia

Este estudo foi desenvolvido em Portugal, Moçambique, Angola e Brasil, nas capitais dos países com estudantes universitários entre 2007 e 2010. Os questionários foram aplicados em regime presencial nas respectivas instituições de ensino superior, sendo de preenchimento voluntário e garantida a confidencialidade e o anonimato. Os dados recolhidos foram tratados no programa estatístico spss.

Apresenta-se, de seguida, a caracterização da amostra, os instrumentos utilizados para recolha de dados e os resultados obtidos.

Amostra

A amostra é constituída por 800 jovens, alunos do ensino superior, sendo 269 portugueses (33,6%), 178 moçambicanos (22,3%) e 175 angolanos (21,8%) e 178 brasileiros (22,3%). As idades estão compreendidas entre os 18 e os 30 anos, sendo a média de idades de 22,8. Na amostra geral 341 são rapazes (42,6%) e 459 são raparigas (57,4%). Questionados sobre a percepção do seu estado de saúde, a maioria considera que a sua saúde é boa (52,6%) e muito boa (28,2%), considerando 18,4% que é razoável e 0,9% má.

	Grupo cultural				Sexo		Estado de Saúde			
	Port.	Moçamb.	Angola.	Brasil	Masc.	Fem.	MB	Bom	Raz.	Mau
N	269	178	175	178	341	459	225	421	147	7
%	33,6	22,3	21,8	22,3	42,6	57,4	28,2	52,6	18,4	0,9

Quadro 1 – Caracterização da amostra quanto ao grupo cultural, sexo e percepção do estado de saúde

A maioria dos estudantes inquiridos neste estudo diz ser cristão (764 dos 800 jovens, o que corresponde a 95,4%), sendo que 36 dos jovens dizem não ter religião. No que se refere à prática religiosa, 352 dizem ser crentes praticantes, 356 crentes não praticantes e 92 não são crentes nem praticantes.

	<i>Religião</i>		<i>Prática Religiosa</i>			<i>Frequência da Igreja</i>				
	<i>Cristãos</i>	<i>Nenhuma</i>	<i>Crente Pratic</i>	<i>Crente Não Prat</i>	<i>Nem Cr. Nem Prat.</i>	<i>Nuncaou 1 x / ano</i>	<i>Alg vez ano</i>	<i>2 ou 3 x/ mês</i>	<i>1 vez Sem.</i>	<i>+ 1 x / Sem</i>
<i>N</i>	764	46	352	356	92	269	234	112	105	80
<i>%</i>	95,5	5,6	44,0	44,4	11,5	33,7	29,2	14,0	13,1	10,0

Quadro 2 – Caracterização da amostra quanto à religião, prática e frequência de local religioso

Dos jovens participantes no estudo, 269 referem nunca frequentar os locais religiosos ou frequentam uma vez por ano ou menos, 234 frequentam algumas vezes por ano, 112 frequentam 2 ou 3 vezes por mês, 105 frequentam uma vez por semana e 80 frequentam mais do que 1 vez por semana.

Instrumentos

Para analisar as relações existentes entre a religiosidade e a solidão nesta amostra de jovens universitários portugueses, moçambicanos, angolanos e brasileiros foram utilizadas diversas medidas: Escala de Atitudes face ao Cristianismo (Francis, 1978, Ferreira e Neto, 2002); Escala do Bem-Estar Espiritual (Paloutzian e Ellison, 1982, Ferreira, 2006); Escala de Solidão (Russell, D.; Peplau, L.; Ferguson, M., 1978; Neto, 1989) e Escala de Satisfação com a Vida (Diener, Emmons, Larson e Griffin, 1985; Neto, 1999). O anexo 1 apresenta uma breve caracterização das escalas.

Resultados

Em primeiro lugar foram analisadas as capacidades psicométricas dos instrumentos utilizados neste estudo com jovens adolescentes portugueses, angolanos, moçambicanos e brasileiros, concluindo-se que tem características adequadas à sua utilização, sendo os valores de consistência interna aceitáveis e semelhantes inferiores aos encontrados pelos seus autores e em estudos anteriores (Ferreira e Neto, 2002, Ferreira, 2006, Ferreira e Neto, 2011). Os alfa de Cronbach obtidos neste estudo foram: - Atitudes face ao Cristianismo - 0,96 - Bem-Estar

Espiritual - 0,91 para a sub-escala do Bem-Estar Religioso e 0,72 para a sub-escala do Bem-Estar Existencial. - Solidão - 0,83. e – Satisfação com a Vida – 0,80.

Verificámos que o género influencia todas as medidas em estudo, havendo diferenças significativas entre os rapazes e as raparigas: os rapazes têm atitudes mais favoráveis ao cristianismo ($F_{(2,798)} = 18,0$; $p < 0,01$); os rapazes têm maior bem-estar religioso ($F_{(2,798)} = 9,9$; $p < 0,01$); as raparigas têm maior bem-estar existencial ($F_{(2,798)} = 13,1$; $p < 0,01$); Os rapazes sentem mais solidão ($F_{(2,798)} = 17,9$; $p < 0,01$); As raparigas são mais satisfeitas com a vida do que os rapazes ($F_{(2,798)} = 36,1$; $p < 0,01$).

A frequência da igreja ou de outro local religioso também influencia todas as medidas em estudo. Os jovens que frequentam mais os locais religiosos têm atitudes mais favoráveis ao cristianismo ($F_{(5,795)} = 37,2$; $p < 0,01$); maior bem-estar religioso ($F_{(5,795)} = 39,8$; $p < 0,01$); e existencial ($F_{(5,795)} = 13,3$; $p < 0,01$); sentem menos solidão ($F_{(5,795)} = 3,7$; $p < 0,05$); e são mais satisfeitos com a vida ($F_{(5,795)} = 4,9$; $p < 0,01$).

Existem diferenças significativas em relação à religiosidade organizacional ($F_{(4,796)} = 17,1$; $p < 0,01$) e à religiosidade não organizacional ($F_{(4,796)} = 71,3$; $p < 0,01$) no que se refere aos diferentes grupos culturais. Os brasileiros são os que frequentam mais os locais religiosos, seguidos dos angolanos e dos portugueses. Os moçambicanos são os que frequentam menos a igreja ou outro local religiosos, seguidos dos portugueses e dos angolanos. Na perspetiva de uma religiosidade mais privada, os angolanos são os que rezam e meditam mais, seguidos dos moçambicanos e dos brasileiros, sendo os jovens portugueses os que rezam menos.

Analisando os dados do quadro 3, podemos dizer que existem diferenças significativas em relação aos diferentes grupos culturais, sendo que os jovens angolanos têm médias mais altas nas medidas religiosas (atitudes face ao cristianismo e bem-estar religioso).

	Origem	Médias	F
Atitudes face ao Cristianismo	<i>Portugueses</i>	82,5	F = 84,1**
	<i>Moçambicanos</i>	100,3	
	<i>Angolanos</i>	106,0	
	<i>Brasileiros</i>	102,6	
Bem-estar religioso	<i>Portugueses</i>	37,5	F = 68,8**
	<i>Moçambicanos</i>	44,7	
	<i>Angolanos</i>	49,4	
	<i>Brasileiros</i>	48,0	

Bem-estar existencial	<i>Portugueses</i>	43,8	F = 18,2**
	<i>Moçambicanos</i>	40,1	
	<i>Angolanos</i>	43,2	
	<i>Brasileiros</i>	45,3	
Solidão	<i>Portugueses</i>	31,1	F = 19,8**
	<i>Moçambicanos</i>	36,1	
	<i>Angolanos</i>	35,3	
	<i>Brasileiros</i>	33,5	
Satisfação com a vida	<i>Portugueses</i>	24,4	F = 24,8**
	<i>Moçambicanos</i>	20,6	
	<i>Angolanos</i>	20,5	
	<i>Brasileiros</i>	24,1	

* p<0,05 **p< 0,001

Quadro 3 – Influência da origem cultural na religiosidade e na solidão

Os jovens angolanos e brasileiros são os que acreditam mais em Deus, que o rezar, dizer as suas orações e ir à igreja os ajuda a ter uma vida melhor e que contribui para o seu bem-estar e satisfação. Todos os grupos de jovens das quatro nacionalidades têm médias elevadas nas atitudes face ao cristianismo, revelando todos uma atitude muito positiva em relação ao cristianismo, mesmo os portugueses que tem a média mais baixa (82,5 em 120 de máxima possível). O mesmo se pode verificar em relação ao bem-estar religioso que os portugueses também são os que têm médias mais baixas, mas mesmo assim acima da média (que é 30 porque o máximo possível é 60). De referir também que angolanos e brasileiros têm médias muito próximas do máximo (49,4 e 48,0). Os brasileiros são os que sentem maior bem-estar existencial, apresentando uma média de resposta de 45,5 em 60, seguidos dos portugueses com 43,8. Todas as médias são acima de 40, podendo dizer-se que os jovens inquiridos acreditam que a vida é uma experiência positiva, que se sentem seguros em relação ao seu futuro, realizados e satisfeitos com a vida, sentindo-se bem, apreciando a vida e acreditando que há um propósito nas suas vidas.

Os moçambicanos são os que sentem mais solidão, seguidos dos angolanos, sendo os brasileiros e os portugueses os que se sentem menos sós. Analisando as médias de respostas de todos os grupos de jovens, constatamos que não revelam uma solidão muito acentuada porque só os moçambicanos têm umas médias que correspondem à média da escala (36 em 72 possíveis que é o máximo de solidão, de acordo com as questões colocadas).

Os mais satisfeitos com a vida são os portugueses, seguidos dos brasileiros, sendo os angolanos e brasileiros menos satisfeitos com a vida.

Medidas	Atitudes face ao Cristianismo	Bem-estar Religioso	Bem-estar existencial	Solidão
Bem-estar Religioso	.83**			
Bem-estar existencial	.15**	.32**		
Solidão	.00	-.06	-.42**	
Satisfação com a vida	.03	.06	.51**	-.34**

Quadro 4 - Correlações entre e as medidas de religiosidade, bem-estar, solidão e satisfação com a vida

Analisadas as correlações existentes entre as medidas em estudo, podemos dizer que existem correlações negativas significativas entre o bem-estar existencial e a solidão e não existem correlações entre as medidas de religiosidade e a solidão. Os jovens que têm atitudes mais favoráveis face ao cristianismo sente maior bem-estar religioso e existencial.

Conclusão

Neste estudo com adolescentes portugueses, angolanos, moçambicanos e brasileiros podemos concluir que:

- Na análise das características psicométricas das medidas utilizadas, todos os instrumentos utilizados neste estudo apresentam valores de consistência interna satisfatórios e semelhantes aos apresentados em investigações anteriores, tanto nos estudos dos seus autores como na validação com a população portuguesa (Ferreira e Neto, 2002 a) e b) e 2010).

Existe uma forte relação entre as medidas de religiosidade e o bem-estar existencial, o que vai de encontro aos resultados na maioria dos estudos. (Ellison e Levin, 1998; Argyle, 2005, Ferreira e Neto, 2010, Brown e Tierney, 2009).

Os rapazes têm atitudes mais favoráveis ao cristianismo, têm maior bem-estar religioso e sentem mais solidão. As raparigas têm maior bem-estar existencial e são mais satisfeitas com a vida.

Os jovens que frequentam mais os locais religiosos e rezam ou meditam mais, têm atitudes mais favoráveis ao cristianismo, têm maior bem-estar religioso e existencial.

Quem frequenta mais os locais religiosos são mais satisfeitos com a vida e sentem menos solidão, indo de encontro às teorias que realçam a importância do apoio social das instituições religiosas (Neto e Barros, 2003).

A origem cultural influencia a religiosidade, existem diferenças significativas em todas as medidas, nas atitudes, bem estar religioso e existencial e na solidão, embora nenhum dos grupos sinta muita solidão.

Os portugueses são os que rezam menos e são os mais satisfeitos com a vida e que sentem menos solidão. Os angolanos são os que rezam mais, tem atitudes mais favoráveis ao cristianismo e maior bem-estar religioso. Os moçambicanos são os que frequentam menos a igreja e são os que sentem mais solidão. Os brasileiros são os que frequentam mais os locais de culto e os que têm maior bem-estar existencial.

Os jovens com atitudes mais positivas face ao cristianismo sentem maior bem-estar religioso e existencial, frequentam mais a igreja ou outro local religioso e rezam mais (meditam ou estudam mais a Bíblia). Sentem que a sua vida está próxima do seu ideal, que as condições de vida são boas, que tem tido as coisas importantes que queriam da vida e se vivessem tudo de novo não mudariam nada.

Os jovens que revelam ter maior bem-estar existencial sentem menos solidão. São jovens que se conhecem a si próprios (sabem quem são, de onde vem, para onde vão), que acham que a vida tem significado e é uma experiência positiva, que se sentem realizados e que se sentem bem com o seu futuro.

Referências Bibliográficas

- Adamson, G., Shevlin, M., Lloyd, e Lewis, C. A. (1999). An integrated approach for assessing reliability and validity: An application of structural equation modelling to the measurement of religiosity. *Personality and Individual Differences*, 29, 971-979.
- Allport, G. W., e Ross, J. M. (1967). Personal religious orientation and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5, 447-457.
- Argyle, M. (2005). *Psychology and Religion. An Introduction*. London: Routledge, 3ª ed. (1ª ed., 2000 by Routledge).
- Argyle, M., e Hills, P. (2000). Religious experiences and their relationships with happiness and personality. *International Journal for the Psychology of Religion*, 10, 157-172.
- Becker, E. (1962). *The birth and death of meaning*. New York: Free Press.
- Berger, P. L. (1969). *A rumor of angels*. Garden City, New York: Doubleday.
- Brown, P. e Tierney, B. (2009). Religion and Subjective well-being among the elderly in China. *The Journal of Socio-Economics*, 38, 310-319.
- Cook, S. W., Borman, P. D., Moore, M. A., e Kunkel, M. A. (2000). College student's perceptions of spiritual people and religious people. *Journal of Psychology and Theology*, 28, 125.

- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., e Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75.
- Ellison, C. G. (1994). Religion, the life stress paradigm, and the study of depression. Pp. 78-121 in *Religion in aging and health: Theoretical Foundation and Methodological Frontiers*, edited by Jeffrey S. Levin. Sage.
- Ferreira, A. V., e Neto, F. (2002a). Psychometric properties of the Francis Scale of Attitude towards Christianity. *Psychological Reports*, 91, 995-998.
- Ferreira A.V., e Neto, F. (2002b). Dois tipos de internalização religiosa: introjecção e identificação. *Psicologia, Educação e Cultura*, 6, 2, 321-334.
- Ferreira, A. V. (2006). Religiosidade em alunos e professores portugueses. Tese de doutoramento em Ciências da Educação na especialidade de Educação Intercultural. Lisboa: Universidade Aberta (policopiado).
- Francis, L. J. (1987). Measuring Attitudes towards Christianity among 12-18 year old pupils in Catholic schools. *Educational Research*, 29, 230-233.
- Francis, L. J. (2000). Religion and happiness: A study in empirical theology. *Transpersonal Psychology Review*, 4, 2, 17-22.
- Gorsuch, R., L., e Venable, G. D. (1983). Development of an “Age Universal” I-E Scale. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 22, 181-187.
- Greeley, A. M. (1992). Religion in Britain, Ireland and the USA. In G. Prior e B. Taylor (Eds.), *British social attitudes, the 9th report* (pp. 51-70). Aldershot: Dartmouth.
- Hill, P. C., e Hood, R. W. (1999). *Measures of Religiosity*. Birmingham, Alabama: Religious Education Press.
- Hood, Spilka, Hunsberger e Gorsuch (1996). *The Psychology of Religion – An Empirical Approach*. New York: The Guilford Press.
- Idler, E. L., Kasl, S. V., e Hays, J. C. (2001). Patterns of religious practice in belief in the last year of life. *The Journals of Gerontology*, 56B, 326-334.
- Inglehart, R. (1990). *Culture Shift in Advanced Industrial Society*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Johnson, D. P., e Mullins, L. C. (1989). Subjective and social dimensions of religiosity and loneliness among the well elderly. *Review of Religious Research*, 31, 3-15.
- Johnson, Conte, H. R., Weiner, M. B., e Plutchic, R. (1982). Measuring death anxiety: Conceptual, psychometric and factor analytic aspects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43(4), 775-785.
- Kelman, H. C. (1958). Compliance, identification and internalization, three processes of attitude change. *Journal of Conflict Resolution*, 2, 51-60.
- Lavric, M. e Flere, S. (2008). The role of culture in the relationship between religiosity and psychological well-being.
- Musick, M. A. (1996). Religion and subjective health status among black and white elders. *Journal of Health and Social Behavior*, 37, 221-237.
- Neto, F. (1998). *Psicologia Social I*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Neto, F., e Ferreira, A.V. (2004). Psicologia da religião. In Félix Neto (coord). *Psicologia Social Aplicada*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 160-202.
- Neto, F. (2001). Satisfaction with life among adolescents from immigrant families in Portugal. *Journal of Youth and Adolescence*, 30, 1, 53-67
- Neto, F. (2001). A short-form measure of loneliness among second generation migrants. *Psychological Reports*, 88, 201-202.
- Paloutzian, R. F. (1996). *Invitation to Psychology of Religion*. Boston: Allyn & Bacon.
- Parsons, T. (1951). *The social system*. Glencoe, IL: Free Press.
- Perry, W. G. (1970). *Forms of intellectual and ethical development in the college years*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Poloma, M. M., e Pendleton, B. (1991). The effects of prayer and prayer experiences on measures of general well-being. *Journal of Psychology and Theology*, 19, 71-83.
- Ryan, R. M., Rigby, S., e King, K. (1993) Two types of religious internalization and their relations to religious orientations and mental health. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65 (3) 586-596.

- Simões, A., e Neto, F. (1994). Ansiedade face à morte. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVIII, 1, 79-96.
- Smart, N. (1969). *The religious experience of mankind*. New York: Scribner.
- Solomon, S., Greenberg, J., e Pyszczynski, T. (1991). A terror management theory of social behaviour: The psychological functions of self-esteem and cultural worldviews. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 24, pp. 93-159). San Diego, CA: Academic Press.
- Taylor, R. J., Mattis, J., e Chatters, L. M. (1999). Subjective religiosity among African Americans: A Synthesis of findings from five national samples. *Journal of Black Psychology*, 25, 524-543.
- Tubergen, F. V., e Sindradóttir, J. (2011). The religiosity of immigrants in Europa: a cross-national study. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 50, 2, 272-279.
- Witter, R. A., Stock, W. A., Okun, M. A., e Haring, M. J. (1985). Religion and subjective well-being in adulthood: a quantitative synthesis. *Review of Religious Research*, 26, 332-342.

ANEXO 1

Breve caracterização das medidas de religiosidade e psicológicas utilizadas neste estudo.

Escala de Atitudes face ao Cristianismo (Francis, 1978, Ferreira e Neto, 2002)

A Escala de Atitudes face ao Cristianismo foi originalmente aplicada por Francis, 1978 e por Francis e Stubb, 1987 (Attitude Toward Christianity Scale) e foca a percepção das pessoas sobre a religião cristã. Referências a Jesus, à Bíblia e a rezar são usadas para medir o interesse pela religião. A Escala de Atitudes face ao Cristianismo é uma escala do tipo Lickert composta por 24 itens, uns de orientação positiva (itens 2, 3, 4, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 21, 22 e 23) e outros de orientação negativa (itens 1, 5, 7, 8, 16, 18, 20 e 24) e foca temas que se relacionam com os cinco componentes da fé cristã: Deus (itens 9,10,11,12,17,19,21, 23 e 24), Jesus (itens 2, 6, 14, 18 e 22), Bíblia (itens 1 e 16), Rezar/Oração (itens 3, 8, 13, 15 e 20) e Igreja (itens 4, 5 e 7). A escala é composta por 5 hipóteses de resposta para cada item (concordo plenamente, concordo, indeciso, discordo, discordo totalmente).

Escala do Bem-Estar Espiritual (Paloutzian e Ellison, 1982, Ferreira, 2006)

A Escala do Bem-Estar Espiritual foi desenvolvida como uma medida geral da qualidade subjectiva de vida, sendo vista como holística. É uma medida psicológica global sobre a percepção do Bem-Estar espiritual. Foi desenvolvida por Paloutzian e Ellison em 1982 e por Ellison em 1983. A escala foi concebida para medir nas pessoas o seu bem-estar espiritual global, sendo percebida por eles como uma sensação de bem-estar religioso e de bem-estar existencial. Na elaboração da escala foram consideradas e incluídas tanto a dimensão religiosa como a psicossocial. Na dimensão religiosa é focada a forma como cada um percebe o bem-estar na sua vida espiritual e como se expressa em relação a Deus e na dimensão psicossocial refere-se a como a pessoa está adaptada ao seu auto-conceito, à comunidade e ao que o rodeia. Esta componente envolve os propósitos de vida, a satisfação com a vida e as experiências positivas e negativas. Com base nestes conceitos foi construída a escala do Bem-Estar Espiritual com 20 itens, que está dividida em duas sub-escalas – o Bem-Estar Religioso e o Bem-Estar Existencial, cada uma com 10 itens. A escala tem 6 hipóteses de resposta variando do 1 – discordo fortemente, ao 6 – concordo fortemente. Em cada sub-escala os escores podem variar do 10 ao 60, sendo que na escala total os escores podem variar do 20 ao 120.

Escala de Satisfação com a Vida (Diener, Emmons, Larson e Griffin, 1985; Neto, 1999)

A Escala de Satisfação com a Vida foi na sua versão original estruturada e aplicada por Diener et al. (1985) com o objectivo de “avaliar o juízo subjectivo que cada indivíduo faz sobre a qualidade da sua própria vida” (Seco, 2000, p.288). Em Portugal a Escala foi validada por Neto et al. em 1990 com professores do ensino básico e secundário, tendo obtido uma consistência interna de 0,78. Na opinião de Neto (1997, p.144) os autores “desenvolveram a Escala de Satisfação com a Vida (SWLS) preenchendo a necessidade de uma escala multi-item para medir a satisfação com a vida enquanto processo de julgamento cognitivo”. A Escala é constituída por 5 itens de orientação positiva, com 7 hipóteses de resposta (escala tipo Likert) – do fortemente em desacordo ao fortemente de acordo, variando a pontuação de cada sujeito entre um mínimo de 5 e o máximo de 35 pontos. Num estudo com alunos portugueses católicos do ensino superior (Ferreira e Neto, 2002) o alfa de Cronbach obtido foi de 0,78.

Escala de Solidão (Russell, Peplau, Ferguson, 1978; Neto, 1989)

A escala de solidão da UCLA (“University of California at Los Angeles”), foi estruturada e testada originalmente por Russel, Peplau e Ferguson, 1978; Russel, Peplau e Cutrona, 1980. Em Portugal foi validada por Neto em 1989. Existem diversas abordagens teóricas da solidão, sendo perspectivas ligadas ao trabalho clínico, à análise social e à investigação que focam a natureza do fenómeno e as suas causas. De acordo com Neto (1992, p.21) Os autores vêem normalmente a solidão como uma experiência desagradável”, sendo experienciada por “uma vasta camada da população”. Têm sido utilizados diversos instrumentos para avaliar a solidão – uns fazendo uma abordagem unidimensional – “a solidão é encarada como um fenómeno unitário que varia sobretudo na intensidade experienciada”; e outras fazendo uma abordagem multidimensional – “considera a solidão um fenómeno multifacetado que não pode ser apreendido só por uma medida global de solidão” (Neto, 1992, p.22). A Escala de Solidão da UCLA é uma abordagem unidimensional da solidão como estado psicológico. A escala é constituída por 18 itens de escolha múltipla de quatro hipóteses de resposta (1-nunca, 2-raramente, 3-algumas vezes e 4-muitas vezes).